

# Opinião



Rui Sá Correia  
Arquiteto Paisagista  
[www.inoutside.pt](http://www.inoutside.pt)

## O Artefacto Arquitetónico e a Paisagem

Se o artefacto arquitetónico foi uma afirmação da supremacia do Homem perante a natureza e se, através do direito a essa supremacia, o Homem se foi afastando da paisagem que o acolheu, é também aceitável que hoje percebamos a necessidade de integrar esse artefacto na paisagem, ao invés daquilo que tem sido amiúde realizado: o acontecimento de fenómenos setoriais resultante de uma absoluta ausência de conhecimento do território.

A arquitetura que é, em muitas situações, a idealização do seu autor e/ou a determinação do dono de obra e escassas vezes o resultado do reconhecimento e conseqüente interpretação das características do lugar, resulta, assim num ato alienatório e desprovido de qualquer significado. O autor é aquele que disponibiliza os seus conhecimentos para interpretar o lugar para, posteriormente, poder desenvolver uma solução que se enquadra sustentavelmente no sítio, evitando imposições economicistas e/ou especulativas.

É o resultado de uma descodificação dos mecanismos regedores da paisagem, assim como do respeito pelas preexistências que estruturam o artefacto arquitetónico, num ato respeitoso dos sistemas biofísico e sociocultural mas também do espírito do lugar, o *genius loci*.

Não se trata de assumir uma diluição daquele artefacto na paisagem, trata-se, sim, de uma integração atenta, pois se o objeto assume uma temporalidade petrificada num tempo que perdurará por várias gerações e que se caracteriza por um princípio, um uso e um fim; a paisagem naturalizada, ao invés, assume uma mutabilidade constante, numa incessante busca por um equilíbrio onde o mínimo consumo energético é o objetivo.

A necessidade de nos relacionarmos com a paisagem é ancestral. Quando nos sedentarizámos fomos naturalmente impelidos a mimetizar a natureza tanto nos parques como nos jardins porque não soubemos interpretar a paisagem que nos rodeia, enaltecemos a nossa vontade em detrimento da paisagem que nos envolvia.

As sinergias que advêm da relação entre o paisagista e o arquiteto, tantas vezes negligenciadas, devem, portanto, ser enaltecidas uma vez que a articulação entre estas áreas do conhecimento permite a integração do artefacto arquitetónico na paisagem, assegurando a qualidade de vida daqueles que o habitam, assim como a preservação e a integração dos valores ecológicos. Quando estas áreas do conhecimento se empenham na partilha de sinergias, assumindo uma atitude de complementaridade, retoma-se a relação perdida entre o Homem e a paisagem, o que resulta numa melhoria do nosso bem-estar, assim como numa recriação sustentável e equilibrada da paisagem que nos fornece todos os bens necessários à nossa sobrevivência.